

**CAPÍTULO IV – Ninguém poderá ver o Reino de Deus  
se não nascer de novo**  
Índice

<b>Capítulo IV – Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo</b>	02
<b>Ressurreição e reencarnação</b>	02
Reflexões sobre o conceito de ressurreição	09
Justiça e necessidade de reencarnação	12
<b>A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe</b>	05
Nossas enfermidades morais	14
O Livro dos Espíritos	15
<b>Instruções dos Espíritos. Limites da encarnação</b>	06
O Céu e o inferno	16
<b>Necessidade da encarnação</b>	07
Encarnação nos diferentes mundos	18
Sítios superficiais da vida	20

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec

#### Capítulo IV – Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo

1. Jesus, tendo vindo às cercanias de Cesareia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: “Que dizem os homens, com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?” — Eles lhe responderam: “Dizem uns que és João Batista; outros, que Elias; outros, que Jeremias, ou algum dos profetas.” — Perguntou-lhes Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?” — Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” — Replicou-lhe Jesus: “Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.” (S. Mateus, cap. XVI, vv. 13 a 17; S. Marcos, cap. VIII, vv. 27 a 30.)

2. Nesse ínterim, Herodes, o Tetrarca, ouvira falar de tudo o que fazia Jesus e seu espírito se achava em suspenso — porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros que aparecera Elias; e outros que uns dos antigos profetas ressuscitara. — Disse então Herodes: “Mandeí cortar a cabeça a João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?” E ardia por vê-lo.

(S. Marcos, cap. VI, vv. 14 a 16; S. Lucas, cap. IX, vv. 7 a 9.)

3. (Após a transfiguração.) Seus discípulos então o interrogam desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?” — Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: — mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.” — Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara.

(S. Mateus, cap. XVII, vv. 10 a 13; — S. Marcos, cap. IX, vv. 11 a 13.)

#### 1. Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus — que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.” Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?” Retorquiou-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. — O que é nascido da carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. — Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. — O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

se dá com todo homem que é nascido do Espírito.” Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” — Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. — Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?”

(S. JOÃO, cap. III, vv. 1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (n.º 1, n.º 2, n.º 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: **“Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.”** E insiste, acrescentando:

**“Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo.”**

7. Estas palavras: Se um homem não renasce da água e do Espírito foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: não renasce da água e do Espírito, ao passo que nalgumas traduções as palavras — do Espírito — foram substituídas pelas seguintes: do Santo Espírito, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível.

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria. Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na Gênese se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; — Que o firmamento seja feito no meio das águas; — Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; — Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.” Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” É nesse sentido que a princípio as compreenderam. Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. O que é nascido da carne é carne indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

9. O Espírito sopra onde quer; ouve-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai: pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá vida a quem ele quer, ou da alma do homem. Nesta última acepção — “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” — significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

10. Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; — pois que assim o profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. — Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. — Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir. (S. MATEUS, cap. XI, vv. 12 a 15.)

11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

Mateus, que não permite equívoco: ELE MESMO é o Elias que há de vir. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. — “Desde o tempo de João Batista até o presente o reino dos céus é tomado pela violência.” Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.” Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. “Até ao presente o reino dos céus é tomado pela violência”: outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura. E acrescentou: **Ouçã aquele que tiver ouvidos de ouvir.** Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (ISAÍAS, cap. XXVI, v. 19.)

13. É também muito explícita esta passagem de Isaías: “Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo.” Se o profeta houvera querido falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: ainda vivem, e não: viverão de novo. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que todos os que estão mortos reviverão.

14. Mas quando o homem há morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? — Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (JOB, cap. XIV, v. 10,14. Tradução de Le Maistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? – Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação? (ID. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela voltarei de novo.

(ID. Versão da Igreja grega.)

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Job haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele de certo não conhecia. “Tendo o homem morrido uma vez, poderia reviver de novo?” A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha existência terrena, esperarei, porquanto a ela voltarei”, ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio de minha casa, mas a ela tornarei.”

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que se dê a minha mutação.” Job, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, esperarei parece aplicar-se, preferentemente, a uma nova existência: “Quando a minha existência estiver acabada, esperarei, porquanto a ela voltarei.” Job como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta. Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

### **2. A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe.**

18. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói.

No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga.

Está bem-visto, que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente o são as afeições espirituais; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem. Ora, semelhante causa não subsiste no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. No que concerne às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre pessoas parentes são um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendoros nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, se costuma dizer que ela não é da família. Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contacto dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abrande, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. E desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos.

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles, se fosse único? Mas, tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os quais se lhe terão ligado na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina anti-reencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não-reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados, ou para o inferno eterno. Ficam assim, imediatamente e para sempre, separadas e sem esperança de tornarem a juntar-se, de forma que pais, mães e filhos, mandos e mulheres, irmãos, irmãs e amigos jamais podem estar certos de se verem novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo:

1ª, o nada, de acordo com a doutrina materialista;

2ª, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta;

3ª, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja;

4ª, a individualidade, com progressão indefinita, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

### 3. Instruções dos Espíritos.

#### 1. Limites da encarnação

24. Quais os limites da encarnação?

A bem-dizer, a encarnação carece de limites precisamente traçados, se tivermos em vista apenas o envoltório que constitui o corpo do Espírito, dado que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, já ele é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito a vicissitudes. Em grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai desmaterializando-se de grau

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

em grau e acaba por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito reveste o invólucro apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a condição dos puros Espíritos. Se mundos especiais são destinados a Espíritos de grande adiantamento, estes últimos não lhes ficam presos, como nos mundos inferiores. O estado de desprendimento em que se encontram lhes permite ir a toda parte onde os chamem as missões que lhes estejam confiadas.

Se se considerar do ponto de vista material a encarnação, tal como se verifica na Terra, poder-se-á dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende, portanto, de o Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação.

Deve também considerar-se que no estado de desencarnado, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito guarda relação com a natureza do mundo a que o liga o grau do seu adiantamento. Assim, na erraticidade, é ele mais ou menos ditoso, livre e esclarecido, conforme está mais ou menos desmaterializado. — (São Luís. Paris, 1859.)

### 3. Instruções dos Espíritos.

### 2. Necessidade da encarnação

25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. — (São Luís. Paris, 1859.)

26. NOTA. — Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor essa diferença. O escolar não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, menos espinhos encontra. Outro tanto não sucede àquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores.

Não poderiam os Espíritos encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. A encarnação, aliás, precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações

## **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)**

efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si, nem para outrem. Deus, cujas leis todas são soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis ele que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contacto, tivessem ensejo de reparar seus danos recíprocos. Por meio das suas relações anteriores, quis, além disso, estabelecer sobre base espiritual os laços de família e apoiar numa lei natural os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Crônicas e Artigos

Nº 15 – 25/07/2007

O Consolador – (Renato Costa)

### I. Ressurreição e reencarnação

#### Reflexões sobre o conceito de ressurreição

Segundo o conhecimento atual, os processos de decomposição dos corpos, no mais das vezes, acabam por devolver à natureza os elementos que os constituíam, na condição de matéria inorgânica. Esta, por sua vez, por obra dos mecanismos naturais, acaba sendo absorvida pelas plantas e estas pelos animais, inclusive pelo homem. Desse modo, a matéria inorgânica que, em uma ocasião, havia sido usada para fornecer um corpo a um determinado ser vivo estará, no decurso de maior ou menor tempo, reaproveitada pela mãe natureza, na formação dos corpos de uma infinidade de outros seres.

Para aqueles que acreditam que ressuscitarão no mesmo corpo físico que animaram, fazemos, então, as perguntas: **“Se todas as almas dos homens, no dia do julgamento final, recuperassem os seus corpos, qual delas ficaria com aquelas partes constitutivas que tivessem pertencido a uma infinidade delas e a seres de outras espécies quando vivos?”**

**“Será que algum de nós, pelo menos um, teria a sorte de nenhum elemento constitutivo de seu corpo ter sido, em milhões e milhões de anos, reutilizado em outros corpos?”** A lógica e o bom senso nos asseguram que não.

Para quem ainda tem dúvida, recomendamos a leitura:

(Questões 1010 e 1011 de **O Livro dos Espíritos**.)

Examinemos, agora, as duas passagens bíblicas mais conhecidas sobre ressurreição, quais sejam, as alegadas ressurreições de Lázaro e de Jesus, para vermos se elas se prestam a provar que o Espírito pode voltar ao mesmo corpo após o evento a que chamamos de morte. Com relação à de Lázaro, destacamos as seguintes passagens no evangelho de João, no capítulo 11, entre os versículos 1 e 44:

A essas palavras, disse-lhes Jesus:

“Esta enfermidade não causará morte, mas tem por finalidade a glória de Deus. Por ela será glorificado o Filho de Deus.”;

.....11 Depois dessas palavras, ele acrescentou: “Lázaro, nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo.”

..... 14 Então Jesus lhes declarou abertamente: “Lázaro morreu”.

Chama atenção a aparente contradição entre o versículo 14 e os anteriores. O que teria levado Jesus a afirmar Lázaro morto, uma vez chegado ao local, se antes ele tinha sido incisivo ao afirmar que Lázaro tinha uma enfermidade que não lhe causaria a morte?

Um ataque cataléptico pode durar de poucos minutos a alguns dias e é um distúrbio que impede a pessoa de se movimentar, apesar de continuarem funcionando seus sentidos e funções vitais, que ficam só desacelerados. Foi provavelmente isso que Lázaro teve, mas a humanidade teria de esperar mais 2.000 anos para saber o que acontecia nesses momentos e parar de enterrar os pobres doentes ainda vivos.

Jesus, no primeiro momento, afirmou que Lázaro apenas dormia, sendo, pois, evidente que sabia que Lázaro não estava morto. No entanto, que poderia ele dizer? Poderia o Mestre adiantar de 2.000 anos um conhecimento científico? Assim, apesar de saber que a doença de Lázaro não o levaria à morte, Jesus disse o que o povo podia entender. Não disse que Lázaro estava tendo um ataque cataléptico porque ninguém entenderia absolutamente nada do que estivesse dizendo.

Se caísse um raio na época sobre uma pessoa e dissessem que a pessoa tinha sido castigada por Deus, o que o amável leitor teria dito se pudesse estar lá com o conhecimento de hoje? “Não, não foi um castigo de Deus, mas o fato de estar a atmosfera altamente ionizada, o de a pessoa,

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

estar usando um sapato de sola de couro, o de não haver pontos altos na redondeza, etc.”. Olhariam para o amigo e o taxariam de louco. O melhor que um de nós teria a fazer era concordar com eles e, depois, com habilidade e paciência, ensinar como eles deveriam proceder em ocasião de temporal.

Como acabamos de ver, aquilo que é conhecido como a ressurreição de Lázaro nada teve a ver com ressurreição e sim com o retorno de um estado cataléptico do qual o Mestre tinha conhecimento que não podia compartilhar. E o que dizer da alegada ressurreição do Mestre? Dizem as escrituras que Maria de Magdala o encontrou a sós. Há no relato de João sobre esse primeiro encontro um fato importante para entendermos como Jesus estava então.

(Jo 20.11) Maria, porém, estava em pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquanto chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro, 12 e viu dois anjos vestidos de branco sentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. 13 E perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. 14 Ao dizer isso, voltou-se para trás, e viu a Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. 15 Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. 16 Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: Raboni! - que quer dizer, Mestre. 17 **Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai;** mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.

Por que razão Jesus teria impedido Maria de o tocar? Sabemos, dos estudos feitos com os grandes médiuns de efeitos físicos, como Elizabeth d'Espérance, o mal que faz à saúde deles quando alguém toca em uma forma materializada com uso do ectoplasma de seu corpo. Não estaria no relato de João uma indicação de que Maria de Magdala estaria, cedendo, sozinha, o ectoplasma necessário para que ela visse o perispírito de Jesus com seus olhos físicos, a tal ponto lhe parecendo material que ela quis tocá-lo? Nas aparições posteriores, por outro lado, Jesus foi visto por grupos de discípulos e não por um único. Assim, nos outros encontros com os discípulos, eram vários os médiuns cedendo o ectoplasma, o que fazia com que nenhum deles corresse risco maior de saúde se tocassem na forma ectoplasmática que tornava visível o perispírito de Jesus. É por isso que Jesus pode dizer a Tomé que o tocasse. Uma interpretação tão perfeita dos acontecimentos somente o espiritismo oferece ao passo que se apelarmos para o conceito de ressurreição, a ordem de Jesus a Maria para que não o tocasse fica sem explicação lógica.

Examinadas as duas passagens bíblicas que falam de ressurreição, vejamos como Paulo, o Apóstolo dos Gentios, dedica parte da sua Primeira Epístola aos Coríntios a explicar como seria a Ressurreição dos Mortos:

“35 Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? E, com que corpo vêm? Insensato! O que semeias não recobra vida, sem antes morrer. 37 E, quando semeias, não semeias o corpo da planta, que há de nascer, mas o simples grão, como, por exemplo, de trigo ou de alguma outra planta. 38 Deus, porém, lhe dá o corpo como lhe apraz, e a cada uma das sementes o corpo da planta que lhe é própria. 42 Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível; 43. Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, também há um espiritual”

Se por um lado, como vemos, Paulo é absolutamente claro em seus ensinamentos, descartando com veemência a hipótese de a ressurreição se dar no mesmo corpo físico, por outro, podemos ser levados a crer que o Apóstolo sustenta a hipótese de haver uma única vida para cada um de nós e que a de que a ressurreição se dá uma única vez, no fim dos tempos. Adiantemos um pouco a leitura da Epístola citada para ver se é isso mesmo que ele quis dizer.

51 Eis que vos revelo um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, 52 num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.”

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

Percebe-se, pela última frase, que Paulo se incluía e àqueles a quem se dirigia no rol dos que não estariam mortos no dia em que a última trombeta soasse, pois ele diz “**nós** seremos transformados” (o grifo é nosso). Das duas uma: ou Paulo esperava o soar da última trombeta para enquanto ele e aqueles para quem escrevia estivessem vivos, o que nos parece de uma ingenuidade incompatível com a sabedoria do apóstolo, ou ele estava incluindo a si e aos seus interlocutores, todos seguidores de Jesus, entre aqueles que, já estando avançados no caminho certo, não precisariam mais despertar. No entanto, Paulo também afirma que mesmo os mortos ressuscitariam no último dia, em seu corpo incorruptível. O que entendiam Paulo e seus contemporâneos, afinal, como ressurreição dos mortos?

Não há espaço neste artigo para citarmos as diversas evidências bíblicas sobre a crença na reencarnação entre os judeus. O leitor interessado encontrará material abundante sobre o assunto nos livros apresentados na Bibliografia e ao longo de toda a Codificação, em particular no Capítulo IV de **O Evangelho segundo O Espiritismo**.

O que é certo é que, uma vez aceita a Reencarnação, os ensinamentos de Paulo ficam claros. Somente atingiremos a perfeição, após termos reencarnado tantas vezes quanto necessário para aprendermos tudo o que requer o máximo estágio evolutivo. E quando tal ocorrer, não precisaremos mais encarnar em mundo algum. E o que ocorrerá, então, com o nosso perispírito?

LE Q. 94: De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

Sendo nosso perispírito formado do fluido universal do mundo onde precisamos encarnar, é evidente que o Espírito que não mais precisa encarnar em mundo algum possui um perispírito tênue, sutil, despojado de fluidos grosseiros. Será, então, o corpo espiritual, incorruptível, de que fala Paulo.

E a boa notícia é que todos chegaremos a esse estágio, sendo isso o que o Apóstolo dos Gentios afirma ao dizer que “**todos** seremos transformados” (o grifo é nosso). O que, mais uma vez, está em plena concordância com aquilo que nos ensina a Codificação.

Os argumentos a favor da reencarnação são fartos e bem documentados por autores de várias crenças e das várias partes do mundo, não cabendo neste artigo um longo argumento a favor. No entanto, para finalizar, vamos fazer uma breve analogia que nos parece bastante esclarecedora.

Para termos uma pálida ideia das leis divinas nada melhor que analisarmos as instituições humanas, apesar de sua imperfeição. Como sabemos, nossas escolas permitem que o aluno repita o ano caso seu aproveitamento seja insuficiente. Mesmo sendo o aluno reprovado na repetência, a escola não o impede de matricular-se em outra para repetir uma terceira vez. Qualquer criança, mesmo que tenha para isso que mudar frequentemente de escola, pode repetir a mesma série, tantas vezes quanto necessário até lograr passar para a seguinte. Até adultos, idosos inclusive, podem voltar aos bancos da escola para aprender a ler. Não é assim?

Se as instituições humanas, por mais imperfeitas que sejam, toleram os erros e as deficiências dos alunos e dão a eles incontáveis oportunidades de repetir a mesma série até serem aprovados, como aceitar a absurda hipótese segundo a qual Deus dá somente uma chance a cada ser humano para acertar e ir para o céu ou errar e ir para o inferno? Não, Deus também nos dá intermináveis chances e nos descortina a eternidade para que aprendamos a lição! É isso que a razão e o bom senso nos fazem concluir.

### **Bibliografia:**

**Aleixo** Sérgio Fernandes, Reencarnação: Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, lei de Deus.

**D’Espérance** Elizabeth, No País das Sombras.

**Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos.

**Kardec** Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo.

**Miranda** Hermínio C, Reencarnação na Bíblia.

**Neto** Paulo, A Bíblia à Moda da Casa.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

### I. Ressurreição e reencarnação

Nº 26 – 12/10/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

#### Justiça e necessidade da reencarnação

#### Renascimento e evolução

1. A alma, depois de residir temporariamente no Espaço, renasce na condição humana, trazendo consigo a herança, boa ou má, do seu passado. Reaparece então na cena terrestre para pagar as dívidas que contraiu, conquistar novas capacidades que facilitarão a sua ascensão e acelerar a marcha para a frente.
2. Não se pode compreender que o Espírito, destinado à perfeição, consiga realizar todo o seu progresso numa só existência física. Os próprios fatos do dia a dia rejeitam tal ideia. Devemos ver na pluralidade das vidas a condição necessária de sua educação e seu progresso. É à custa do próprio esforço, de suas lutas, de seus sofrimentos, que ele se redime de seu estado de ignorância e inferioridade e se eleva, de degrau em degrau, a caminho das inúmeras habitações do Universo. Somos assim, hoje, o resultado das experiências vividas no passado, como seremos, amanhã, o produto das nossas ações de agora.
3. Nem todas as almas têm a mesma idade, nem todas subiram com o mesmo passo seus estágios evolutivos. Um percorreram uma carreira imensa e aproximaram-se já do apogeu dos progressos terrestres; outras mal começam o seu ciclo de evolução no seio da humanidade. Estas são as almas jovens, emanadas há menos tempo do Foco Eterno. Chegadas à humanidade, tomarão lugar entre os povos selvagens ou entre as raças bárbaras que povoam os continentes atrasados, as regiões deserdadas do globo. E quando, afinal, penetram em nossas civilizações, ainda se deixam facilmente conhecer pela falta de desembaraço, de jeito, pela sua incapacidade para todas as coisas e, principalmente, pelas suas paixões violentas.

#### Objetivo das reencarnações sucessivas

4. No encadeamento das nossas estações terrestres, continua a completar-se a obra grandiosa de nossa educação, a edificação de nossa individualidade, de nossa personalidade moral. É por essa razão que a alma tem de encarnar sucessivamente nos meios mais diversos, em todas as condições sociais. E passando alternadamente pelas provas da pobreza e da riqueza, pelas experiências de renúncia e de trabalho, é que ela irá compreendendo a transitoriedade dos bens materiais e desenvolvendo valores espirituais superiores.
5. São necessárias as existências de estudo, as missões de dedicação, de caridade, por vias das quais se ilustra a inteligência e o coração se enriquece com a aquisição de novas qualidades. Virão depois as existências de sacrifício pela família, pela pátria, pela humanidade, e ocorrerão, por certo, existências onde o orgulho e o egoísmo serão abafados através das provas dolorosas de resgate do passado de erros.

#### Reencarnação e ressurreição

6. A reencarnação ou palingenesia fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus (seita judia formada por volta do ano 248 a.C., cujo fundador foi Sadoc), cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. Os judeus acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam ressurreição o que o Espiritismo chama reencarnação. Ressurgir em um corpo que já se acha com seus elementos dispersos ou absorvidos é cientificamente impossível. Reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado especialmente para ele e que nada tem de comum com a antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas.
7. Quando Jesus disse a Nicodemos: “Em verdade, em verdade, digo-te: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” Ante a estranheza do senador dos judeus que não entendia como tal situação poderia ocorrer, Jesus replicou como que surpreendido: “Como pode isso fazer-se? Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se não credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creeis, quando vos falo das coisas do céu?”

(João, 3:1 a 12.)

O Mestre quis mostrar, com tais palavras, que a reencarnação era um fato óbvio, natural, inerente à evolução do próprio homem.

### **Há muitas moradas na casa do Pai**

8. Não encarnamos e reencarnamos apenas no planeta Terra, mas sim em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição, porque a encarnação nos diferentes mundos, guarda relação com o grau evolutivo desses mundos.

9. A constituição do perispírito está em função da natureza de cada mundo, passando por transformações sucessivas, tornando-se cada vez mais etéreo, até a depuração completa, que é a condição dos Espíritos puros.

10. A encarnação, tal como ocorre na Terra, observa-se também nos mundos inferiores. Nos mundos superiores, no entanto, onde imperam o sentimento de fraternidade, estando os seus habitantes livres das paixões grosseiras que ocorrem em mundos atrasados, os Espíritos gozam de uma encarnação bem mais feliz e nenhum temor têm da morte.

11. A duração da vida, nos diferentes mundos, guarda proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a dominá-lo. É essa uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos das criaturas à medida que elas progridem.

### **Bibliografia:**

**Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 172 e 182.)

**Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 4), (itens 4, 16 e 24.)

**Denis** Léon, O problema do ser, do destino e da dor, (págs. 163, 165, 166 e 167.)

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Crônicas e Artigos

### II. A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe

Nº 402 – 22/02/2015

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

#### Nossas enfermidades morais

Quando se vê tanta miséria e sofrimento na Terra, surge a grande pergunta: Por quê? Ficamos sem respostas claras, se não tivermos consciência dos mecanismos da reencarnação. É importante que, além da explicação que fazemos neste espaço, sobre a pluralidade dos mundos habitados, consideremos que: A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe, conforme esclarece o item 18 do capítulo IV (Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo), de **O Evangelho segundo o Espiritismo**.

Não estamos aqui para gozar as delícias terrestres, mas para sublimar os nossos Espíritos através do aprendizado constante e do aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual. Somos viajores eternos, rumo à perfeição.

Há um sentido em estarmos aqui, em termos nascido exatamente neste lugar, em pertencermos à família onde estamos. De acordo com o que fazemos e como agimos, nossa trajetória segue um plano perfeito, dentro das Leis Divinas.

Quanto à questão da pluralidade dos mundos habitados, ela não enfrenta nos dias de hoje as barreiras humanas com que era vista, há algum tempo atrás. Com o avanço da Ciência, com a NASA descobrindo outros sons no Universo, fica difícil sustentar que somos seres privilegiados, que viemos para a Terra a fim de gozar de um mundo de delícias, criado especialmente para nós.

Quando Jesus disse: “Não se turve o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar” (João, 14: 1 a 4), está claro que a casa do Pai a que o Mestre se referiu é o Universo e as diferentes moradas, os diversos mundos que circulam no espaço infinito. Independente disso, as palavras de Jesus devem também ser interpretadas como o estado feliz ou infeliz dos Espíritos na Erraticidade.

Os diversos mundos possuem condições diferentes uns dos outros, segundo o grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Há mundos superiores, inferiores e iguais à Terra. “O meu Pai trabalha incessantemente”, disse Jesus. Se considerarmos o Pai trabalhando continuamente, entenderemos essas diferenças, tal como as entenderemos no tocante aos Espíritos, que são criados por Deus, simples e ignorantes, mas, conforme o livre-arbítrio de cada um, alcançam evoluções diferentes, estágios diferentes.

Há uma infinidade de mundos no Espaço e seria impossível à inteligência humana classificá-los. Mas o Espiritismo os classifica em:

**Mundos primitivos**, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana;

**Mundos de expiações e provas**, em que o mal predomina;

**Mundos regeneradores**, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta;

**Mundos felizes**, onde o bem supera o mal;

**Mundos celestes ou divinos**, moradas dos Espíritos Puros, onde somente o bem existe.

A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e provas. Por isso, a razão de tanta miséria. Pelas maldades e paixões inferiores da Terra, conclui-se que a espécie humana seja uma coisa abjeta, miserável. O julgamento, porém, decorre de uma falsa visão de conjunto, pois a humanidade não se encontra toda na Terra.

A população da Terra, diante da população total dos mundos, é como a população de um lugarejo, com relação à população de um grande império. Se considerarmos a Terra como um lugarejo, ou ainda, como um hospital, onde só vemos doentes estropiados, compreenderemos que aqui se encontram encarnados os que não adquiriram, ainda, condições suficientes para estarem em mundos melhores. Isto ocorrerá quando estivermos curados de nossas enfermidades morais.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano

Nº 219 – 24/07/2011

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

### O Livro dos Espíritos (Allan Kardec)

### II. A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe

119. A sucessão de existências corpóreas estabelece entre os Espíritos liames que remontam às existências anteriores; é disso que decorrem, com frequência, as causas de simpatia entre nós e alguns Espíritos que nos parecem estranhos. (L.E., 204)

120. A doutrina da reencarnação não destrói os laços de família. Ela os estende, ao mostrar-nos que os laços que unem os membros de uma mesma família, baseados em afeições anteriores, são menos precários. (L.E., 205)

121. Os Espíritos são frequentemente atraídos a esta ou àquela família por causa de simpatia ou ligações anteriores. (L.E., 206)

122. O Espírito do pai tem a missão de desenvolver a alma dos filhos pela educação: isso é para ele uma tarefa, e se nela falhar, será culpado. (L.E., 208)

123. Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o dirijam por uma senda melhor, e muitas vezes Deus o atende. (L.E., 209)

124. Os pais podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento e que lhes foi confiada; esse é o seu dever. Filhos maus são uma prova para os pais. (L.E., 210)

125. Com a morte, o corpo é destruído e o novo corpo não tem nenhuma relação com o antigo. Entretanto, o Espírito reencarnado se reflete no corpo, que é modelado pelas qualidades do Espírito, que lhe imprime um certo caráter, principalmente no semblante, sendo certo dizer que os olhos são como o espelho da alma. (L.E., 217)

126. É assim que, sob um envoltório mais humilde, pode encontrar-se a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob o hábito do grande senhor veem-se algumas vezes a da baixaza e da ignomínia. (L.E., 217)

127. Algumas faculdades intelectuais, com a mudança dos corpos, podem perder-se, desde que se tenha desonrado a faculdade, empregando-a mal. Uma faculdade, por exemplo o gosto pela música, pode também ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito queira exercer outra que não se relacione com ela. Nesse caso, ela permanece em estado latente, para reaparecer mais tarde. (L.E., 220)

128. A doutrina espírita é tão antiga quanto o mundo; é por isso que a encontramos por toda a parte, e é esta uma prova de sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível, mas quase sempre ela é falseada pelos preconceitos e pela ignorância. (L.E., 221-A)

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano III. Instruções do Espíritos.

Nº 334 – 20/10/2013

#### I. Limites da Encarnação

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

#### O Céu e o inferno

22. Os seres do mundo corporal estão ligados à Terra ou a qualquer globo. O mundo espiritual está em toda a parte, tanto em redor de nós, como no Espaço, sem limite algum assinalado. Em razão da natureza fluídica do seu envoltório – o **perispírito** – os seres que o compõem, em lugar de se locomoverem penosamente no solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento.

(O Céu e o Inferno – Primeira Parte, cap. III, item 5.)

23. Para o homem que vivesse insulado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, anularia o próprio bem.

(Primeira Parte, cap. III, item 8.)

24. Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos prazeres que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe?

(Primeira Parte, cap. III, item 9.)

25. No intervalo das existências corporais o Espírito torna a entrar no mundo espiritual, onde é feliz ou desgraçado, segundo o bem ou o mal que fez. O estado espiritual é o estado normal do Espírito – e deverá ser o definitivo – pois o corpo espiritual não morre. O estado corporal é transitório e passageiro.

(Primeira Parte, cap. III, item 10.)

26. É no estado espiritual, sobretudo, que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que ele se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade.

(Primeira Parte, cap. III, item 10.)

27. O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra e modificando suas ideias. O estado corporal e o espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, solidários entre si; eis por que o Espírito passa alternadamente pelos dois modos de existências.

(Primeira Parte, cap. III, item 10.)

28. A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, pois que lá estaremos isentos dos males e vicissitudes terrenos. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais estão ali sujeitos a moléstias e enfermidades e tampouco têm as mesmas necessidades.

(Primeira Parte, cap. III, item 11.)

29. Reina ali a verdadeira fraternidade, porque não existe o egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, e a verdadeira liberdade, por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos, quais pousos ao longo do caminho do progresso conducente ao estado definitivo.

(Primeira Parte, cap. III, item 11.)

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

30. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa, que seria uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual em todos os seus graus é, ao contrário, uma constante atividade, atividade essa que é isenta de fadigas. (Primeira Parte, cap. III, item 12.)

31. As atribuições dos Espíritos são proporcionadas ao progresso de cada um, às luzes que possuem, às suas capacidades, experiência e grau de confiança inspirada ao Senhor soberano. Não contam eles com favores ou privilégios que não sejam o prêmio ao mérito. Lá tudo é medido e pesado na balança da estrita justiça. (Primeira Parte, cap. III, item 13.)

32. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há outras de importância relativa em todos os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, podendo afirmar-se que cada encarnação tem a sua, isto é, deveres a preencher a bem dos semelhantes, desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio que lança às sociedades, novos germens de progresso. (Primeira Parte, cap. III, item 14.)

33. É nessas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que prejudicam o indivíduo sem afetar o conjunto. (Primeira Parte, cap. III, item 14.)

34. A felicidade dos indivíduos depende das qualidades deles e não do estado material do meio em que se encontrem, podendo ela, portanto, existir em qualquer parte onde haja Espíritos capazes de a usufruir. Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se a possuíssemos somente em nós mesmos, sem poder reparti-la com outrem, ela seria tristemente egoísta. Os Espíritos felizes, atraindo-se pela similitude de gostos e sentimentos, formam vastos agrupamentos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as qualidades próprias e satura-se dos eflúvios serenos e benéficos emanados do conjunto.

(Primeira Parte, cap. III, itens 15 e 16.)

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 86 – 14/12/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

### III. Instruções do Espíritos.

#### II. Necessidades da encarnação

#### Encarnação nos diferentes mundos

#### Os Espíritos não estão indefinidamente presos a um mundo

1. A encarnação nos diferentes mundos obedece a um critério de progresso moral. Quando, em determinado planeta, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse planeta comporta, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde poderão adquirir novos conhecimentos.
2. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham, portanto, presos a ele indefinidamente. Cada mundo é para eles o que escola representa para a criança, que muda de classe à medida que progride nos seus estudos.
3. Os Espíritos elevados são destinados a reencarnar em planetas mais bem, dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos apresenta inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva dos Espíritos, que os devem transpor cada um por sua vez.
4. Falando a respeito das inumeráveis moradas existentes no Universo infinito, Jesus afirmou: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos o lugar”.

#### A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas

5. Segundo a Doutrina Espírita, os planetas podem dividir-se em cinco categorias principais:

- **Mundos primitivos**, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana.
- **Mundos de expiação e provas**, em que o mal predomina.
- **Mundos regeneradores**, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta.
- **Mundos felizes**, onde o bem supera o mal.
- **Mundos celestes ou divinos**, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

6. A Terra – assevera Allan Kardec – pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias.

“Não obstante – ensina Santo Agostinho – não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contacto de Espíritos mais avançados”.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III, item 14.)

7. Nas esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Lá se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém – devido ao estado de adiantamento da sociedade ali encarnada – pensa em causar dano ao seu semelhante.

8. O homem que vive nesses mundos não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera. Ele se desloca de um lugar a outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e desconhecidos os trabalhos rudes. Mais longa que a nossa, a existência ali se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, que tem por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade.

#### A forma humana é comum também aos mundos superiores

9. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem com que a morte nenhuma apreensão lhes cause, e eles a encaram de frente, sem temor, como simples transformação necessária ao processo evolutivo.

## **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)**

10. Nenhum pensamento oculto, nenhum sentimento de inveja tem ingresso nessas almas delicadas. O amor, a confiança, a sinceridade presidem às reuniões em que todos recolhem as instruções dos mensageiros divinos e onde se aceitam as tarefas que podem contribuir para elevá-los ainda mais.

11. A encarnação de um Espírito em um mundo inferior àquele em que viveu em sua última existência corpórea pode ocorrer em dois casos:

Como missão, com o objetivo de auxiliar o progresso, caso em que aceita alegre as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantar.

· Como expiação, porque há casos em que os Espíritos devem recomeçar, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.

12. Nos mundos superiores à Terra a forma corpórea é sempre a humana, porém muito mais bela, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo físico nada tem da materialidade terrestre e, por isso, não está sujeito às necessidades, às doenças e às deteriorações que a predominância da matéria provoca.

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (questões 178 e 182.)

**Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo III),(itens 2 a 18.)

**Kardec Allan**, A Gênese, (item 28.)

**O Evangelho segundo João**. (14:1-3.)

**Denis Léon**, Depois da Morte, (pp. 221 e 224.)

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

### Crônicas e Artigos

Nº 284 – 28/10/2012

O Consolador – (Guaraci de Lima Silveira)

### III. Instruções do Espíritos.

#### II. Necessidades da encarnação

#### Sítios superficiais da vida

Qual de nós pode avaliar as bênçãos de uma encarnação? Quantos por ela passam quais aves ligeiras a buscarem, continuamente, apenas o alimento imediato às suas necessidades. A encarnação de um Espírito demanda estudos, preparações, ajustes e confianças mútuas.

Nos planos espirituais as entidades responsáveis por este assunto se movimentam de forma eficaz desde a proposta inicial de um novo roteiro até a fixação do Espírito em novo corpo de carne, acompanhando-o pelos primeiros anos da sua nova existência física. Semiadormecidos, os Espíritos recém-encarnados recebem da espiritualidade, dos pais terrenos e da sociedade como um todo os primeiros fundamentos para uma experiência que lhes sejam proveitosas. Qual o meio social, a etnia, o sexo e o tempo da nova experiência? Isto pouco importa. O mundo é escola divina criada para corrigir e elevar almas. Aqueles que cuidam dos renascimentos bem sabem onde colocar os Espíritos que retornam, pois que conhecem suas histórias e necessidades.

Realizados os primeiros movimentos da nova encarnação, os Espíritos iniciam suas tarefas de preparação. A escola, o convívio social, as propostas, as opções e o temperamento emocional vão qualificando-os como indivíduos. Na adolescência eclodem-lhes as tendências. Tempo de esperas e aparelhamentos. Tempo em que as sociedades precisam compartilhar-lhes com afeto e ternura suas frequências oscilantes. São botões inda longe dos frutos. São promessas de vida. São filhos de Deus potencializando-se para participar, ajudar, reconstruir a si e o mundo. São luzes balouçantes carecendo respeito.

Mais tarde, com o diploma na mão, partem para os mercados de trabalhos transformando-se em a nova geração a impulsionar o progresso. Esta dinâmica sempre existiu em todos os elos da história, desde os primórdios, no tempo das cavernas, até o presente e será assim, num sucessivo encadeamento para os devidos avanços espirituais.

Bom seria que, ao término de mais uma jornada no corpo físico, todos, retornassem direto aos planos superiores da espiritualidade, em escolas, templos e academias para novas aberturas, tanto intelectuais quanto morais. Em mundos superiores ao nosso, com certeza funciona assim. Na Terra, contudo, temos notícias dos planos adjacentes ao nosso: quanta dor, quanta miséria, quantas culpas, lamentos, rebeldias, arrependimentos e estacionamentos.

Antes, tínhamos vagas ideias desses locais de apurações. Com o advento da Doutrina Espírita tudo foi e está sendo esclarecido, de forma que não se deve mais pagar para ver. O custo pode ser bem alto. Ver-se na experiência física, a cada dia, através do autoconhecimento torna-se de alto valor. Somos conhecedores de que a vida passa ligeira, que o tempo de ontem se foi. Que o de amanhã nos arrastará com muita certeza para as mesmas atitudes, hábitos e premissas.

Diz-nos André Luiz em Nos Domínios da Mediunidade, Cap. 1 – Estudando a Mediunidade –, que: “Nossa mente é, destarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios”.

Assim, ela funciona a partir das nossas escolhas pessoais, respondendo aos nossos comandos e, em muitos casos, subjugando-nos a eles. Desta forma, necessário se faz dar uma guinada a cada dia em nossas atitudes, evitando as contumazes especulações indébitas com repercussões funestas num futuro.

É bom que nos tornemos parceiros eficientes de conquistas salutares para nós e o social ao nosso redor.

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IV)

Ainda citando André Luiz, ele nos conta no livro No Mundo Maior o que ouviu de Calderaro: “O tempo acaba sempre por denunciar a nossa posição verdadeira. Quando a criatura não haja feito da existência o sacerdócio de trabalho construtivo, que nos cumpre na Terra, os fenômenos senis do corpo são mais tristes para a alma, pois, neste caso, o indivíduo já não domina as conveniências forjadas pelo imediatismo humano, patenteando-se lhe a fixação da mente nos impulsos interiores”.

Mais à frente temos a informação de que milhões de pessoas seguem por muitos séculos na fase infantil do entendimento porque nada produzem para a melhoria própria, repetindo interminavelmente suas posturas, não abrindo mão de seus pontos de vistas. Quase sempre os identificamos em velhos nos corpos e infantes na alma.

Muitos enlouquecem, permanecendo por muito tempo em absoluta alienação mental, posto que não souberam metamorfosear oportunidades em execuções plenas, em forjas sensatas da paz espiritual. Tornam-se peso para alguém, para a sociedade, o planeta e o Universo, sofrendo até o dia em que desencarnam padecendo as duras consequências de uma realidade nublada, mas real. E nela terão que refazerem-se. Nenhum Espírito se perderá. Uma vez criados, a imortalidade é caminho de todos e para tal os amoldamentos são necessários mesmo que o cinzel acicate, mesmo que encarnações dolorosas cheguem como medicação adequada.

Loucuras são as manifestas ou não. Há loucos silenciosos que se mostram como seres equilibrados, vivendo como tal na sociedade, conspurcando-a com suas atitudes e propostas. São eles, entre outros, os psicopatas, os sexólatras, os cleptomaníacos, os loucos pelo dinheiro, bens materiais, poder. Estar no poder, diz Lacan, “dá um sentido interiormente diferente às suas paixões, aos seus desígnios, à sua estupidez mesmo”.

O psicanalista e professor da Universidade Estadual de Maringá Raymundo de Lima nos diz que: “Pelo simples fato de agora ser ‘rei’, tudo deverá girar em função do que representa a realeza. Também os comandados são levados pelas circunstâncias a vê-lo como o ‘rei do pedaço’”. É dele ainda o seguinte comentário: “O poder faz fronteira com a loucura.

Não é sem motivo que muitos loucos se julgam Napoleão ou o Rei Luís XV. Parece que há algo de ‘loucura narcísica’ nas pessoas que anseiam chegar ao poder político (governante de uma cidade, estado ou país, ministro, membro do secretariado local), ou ao poder de uma instituição, empresa, departamento, pequeno setor de uma organização qualquer ou grupo qualquer.

O narcisismo de quem ocupa o poder revela-se na autoadmiração (o amor a si e aos seus feitos), na recusa em aceitar o que vem dos outros e no gozo que ele extrai do poder, que, levado ao extremo, poderia revelar loucura”. O filósofo e ensaísta alemão Robert. Kurz afirma que: “o poder torna as pessoas estúpidas e muito poder torna-as estupidíssimas”.

É, de fato, o que bem se vê na atualidade: muitos buscando alguma forma de poder, quer nos campos sociais, clubes, lares, instituições. Não demoram muito e desencarnam como habitantes dos sítios superficiais da vida. As profundidades não foram atingidas. A centelha divina continua adormecida, latente, aguardando estímulos.

Os risos, drinks, baladas, passeios, encontros, negociatas, tomou-lhes o sacrossanto tempo, iludindo-os. Deixam fortunas e fama e encontram miséria e sofreguidão. É bom lembrarmos que O Maior Espírito que aqui viveu não tinha nem onde recostar a cabeça. Aquelas propostas iniciais ficam para depois, a reencarnação é perdida e o poente é triste, quem sabe até abandonado pelos bajuladores do ontem que só queriam aproveitar. É chegado o tempo das transformações.

Na Terra do futuro somente aqueles despertos receberão sítios para cultivar. Bem-aventurados os que assim entenderem e se tornarem bons semeadores: “no campo da evolução do esforço comum, no monte da elevação pela prática do sumo bem, ou, então, os sítios serão aqueles estabelecidos nos vales expiatórios pelo exercício do mal”, conforme esclarece Calderaro.